

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

49

INSCRIÇÕES 221-226



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1995

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

ARA VOTIVA DA COLEGIADA (CASTELO DE VIDE)
(*Conventus Emeritensis*)

Ara votiva, de granito de grão fino, identificada, em 1982, na propriedade conhecida pelo nome de Tapada da Colegiada, freguesia de Santiago Maior, concelho de Castelo de Vide, região que, ao tempo dos Romanos, poderá ter feito parte do *conventus Emeritensis*⁽¹⁾. Integra o núcleo museológico de Arqueologia da Câmara Municipal⁽²⁾.

(¹) Cf. J. ALARCÃO *et alii*, «Propositions pour un nouveau tracé des limites anciennes de la Lusitanie romaine», *Les Villes de Lusitanie Romaine*, Paris, 1990, p. 326.

(²) Todas as informações referentes às dimensões (peço desculpa por não apresentar, por esse motivo, a espessura da peça nem as medidas dos espaços interlineares) e às circunstâncias do achamento da epígrafe foram retiradas das páginas 28 e 141-143 do volume *Levantamento Arqueológico da Área de Influência da Barragem de Póvoa e Meadas – Zona Sul*, publicação da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide, ilustrada com desenho e foto do monumento, datada de Julho de 1995 e assinada por António Pita, João Magusto e Nuno Félix.

Foi o primeiro signatário desse trabalho (António Manuel das Neves Nobre Pita) que, em carta de 21 de Julho de 1995, deu conhecimento da ara à directora do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco, Dra. Clara Vaz Pinto, a qual, por sua vez, teve a amabilidade de me comunicar, gentileza que agradeço. Agradeço igualmente ao Sr. Presidente da Câmara, Joaquim Pinto Ferreira Canário, a prontidão com que me enviou o referido volume, assim como as fotografias que ilustram esta nota e que foram, de resto – urge salvaguardá-lo – as únicas fontes para a descrição, sem dúvida sumária e incompleta, que faço do monumento.

O local de achado do monumento tem as seguintes coordenadas UTM: 29SPD 2664 6947; e está a uma altitude de 320 m. O actual usufrutuário do terreno chama-se Artur da Costa Bonacho e mora em Castelo de Vide.

Afirmam os autores do citado *Levantamento* que, de acordo com a tradição oral, aí terá existido «em tempos uma igreja», o que, no entanto, «sem uma sondagem no solo» se não poderá confirmar. Admitem, porém, «sobretudo pela análise de achados de superfície», «que o local corresponderá a um espaço significativamente ocupado durante a Idade Média». De resto, a esse período atribuem também a reutilização do monumento como pedra de lagar, comprovada pelas «duas concavidades rectangulares na face do campo epigráfico semelhantes às que habitualmente se encontram nos elementos de lagares destinados à fixação da concha do mecanismo de prensagem».

«A ara foi recolhida cerca de cem metros para norte do sítio onde actualmente são visíveis vestígios de alguns alinhamentos e onde o proprietário diz aparecerem com muita intensidade fragmentos cerâmicos quando lavra a terra». «Neste contexto» – prosseguem os signatários do *Relatório* que estamos a seguir – «admitimos que tenha havido inicialmente um santuário neste lugar, o qual poderá estar na origem do topónimo, e que, posteriormente, já em plena Idade Média, se tenha verificado uma fixação de gente».

A citada reutilização deteriorou significativamente o capitel e a base, de cuja molduração, nas quatro faces, restam alguns vestígios. Na base, poderemos, por exemplo, observar uma espécie de faixa saliente (de ângulos boleados) a que se segue um toro que assenta sobre a faixa inferior.

Dimensões: 69 x 39 x ?

Campo epigráfico: (26) x (25).

[...] / MAR[CI F(i)lius] (?) / EX CO[NS(ul)to] (?) /
ANDAIECQ / ⁵ (hedera) P(ius?) (hedera) P(osuit?) (hedera)

(...), filho de Marco, em consequência de um oráculo, colocou piedosamente a Andaieco.

Altura das letras: 5,5/6,5.

Houve, decerto, uma primeira linha, de que as fotos parecem apresentar vestígios pouco perceptíveis; aí se identificaria, com um só nome, o dedicante.

Para a leitura da l. 2, preferi guiar-me pelas informações contidas no desenho dos autores do *Levantamento*. Na verdade, porém,

as fotos não são esclarecedoras, como a pedra o não será. O M inicial, muito largo, sugere também o nexu MA; no entanto, o A seguinte não oferecerá dúvida e, depois, a metade inferior de um R é igualmente susceptível de aceitação. Como, segundo a lógica do texto, aí poderia figurar o patronímico, afigura-se-me provável a reconstituição apresentada, uma vez que há outros exemplos peninsulares do *praenomen Marcus* por extenso, nomeadamente em contexto indígena (cf. CIL II p. 1199).

Desapareceu a parte direita da l. 3 e o sulco que se enxerga a seguir ao O tanto pode ser o arranque dum N como uma falha da pedra. Haveria, contudo, lugar para, pelo menos, duas letras.

Na l. 4, o nexu AN é claro e da curvatura do O final ainda parece notar-se ligeiro resquício.

Na última linha, separados por heras de grosseiro traçado oval, os PP apresentam-se esguios, de pança estreita e com o vértice inferior «adornado» com um traço oblíquo para a retaguarda, a evidenciar uma tendência cursiva que não está patente no resto da epígrafe.

Com excepção dessa última linha, que denota uma certa preocupação de simetria, a paginação fez-se com alinhamento à esquerda e manifesta, no conjunto, alguma regularidade. Os caracteres foram gravados profundamente, em bisel, e apesar do traçado grosseiro de que já se falou – provocado também pela dificuldade do suporte – seríamos tentados a classificá-los de monumentais quadrados (notem-se, por exemplo, a perfeita simetria do X, a circularidade do O, a equidistância das barras do E). Paleograficamente, um monumento que situaríamos, portanto, nos começos do Império – o que não contradiz o eventual uso do patronímico por extenso.

Não quis deixar de dar a conhecer rapidamente o monumento, ainda com a pesquisa por terminar, porque o seu texto se reveste, como se vê, de características não muito comuns.

Em primeiro lugar, se é plausível a proposta de interpretação da l. 3⁽³⁾, estamos perante uma fórmula rara na epigrafia votiva peninsular, que denota uma aculturação notável e confirma a sugerida possibilidade de existência, aí, de um templo – ou, pelo menos, de um lugar sagrado – onde a divindade se manifestasse através de oráculos. E se verificarmos que, mesmo no culto a Endovélico, a

(³) Encontrei-a, por exemplo, na lista de Pedro BATTLE HUGUET (*Epigrafía Latina*, Barcelona, 1963, p. 186).

fórmula se não regista, apesar de as práticas oraculares estarem documentadas⁽⁴⁾, maior importância há que atribuir ao facto.

Depois, também a fórmula P. P. – que julgo poder interpretar, sem grande margem para dúvida, como *pius posuit* – não parece ter sido considerada vulgar na Península, a darmos crédito à circunstância de Hübner não apresentar nenhum exemplo nos textos que encontrou (cf. CIL II p. 1177).

Compreender-se-á melhor o alcance histórico-cultural dos dois aspectos atrás referidos se tivermos em conta que estamos perante uma ara dedicada – muito provavelmente por um autóctone – a uma divindade indígena, cujo nome, *Andaiecus*, ora surge, quanto sei, pela primeira vez documentado. O seu radical *And-* e o sufixo *-aiecus* não constituem, porém, aberrações linguísticas no contexto peninsular. O radical está presente em epítetos divinos: temos, na Gália, um Júpiter *Andero* (CIL II 2598); em Lérida, *Anderexus* parece qualificar também um (ainda) estranho deus *Ilurberrixus*⁽⁵⁾. Se adoptarmos uma das etimologias propostas por Maria de Lourdes Albertos, na sequência de Palomar Lapesa, esse radical poderá relacionar-se com o indoeuropeu **andh-*, «florescer», ou com **andhos*, «flor»⁽⁶⁾. Se atendermos, por outro lado, a que o sufixo *-aecus* (ou *-aiecus*) detém eminente carácter adjectival⁽⁷⁾, poderemos apontar no sentido de ver neste vocábulo o epíteto duma divindade que, tal como noutras ocasiões acontece, apenas é mencionada pelo epíteto. Não se trata, aqui, se forem correctas as anteriores conexões, de um adjectivo formado a partir de um topónimo ou de um etnónimo, mas somente de um qualificativo: o deus seria «florido», o que poderá indiciar também uma divindade ligada, por exemplo, à Primavera ou à vegetação. Hipóteses que o achamento doutros testemunhos poderá vir infirmar ou, ao invés, ratificar.

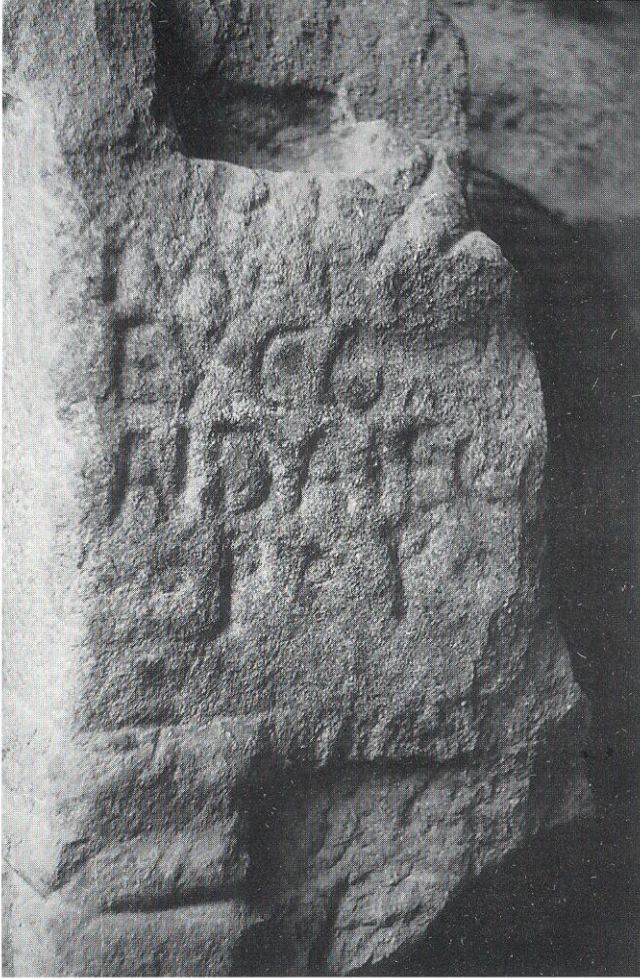
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁽⁴⁾ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 804.

⁽⁵⁾ Vide FABRE (Georges), MAYER (Marc) e RODÀ (Isabel), *Inscriptions Romaines de Catalogne. II. Lérida*, Paris, 1985, pp. 99-100.

⁽⁶⁾ Vide *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 24.

⁽⁷⁾ Cf. Maria de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, Valladolid, 1975, p. 62.



FOTOS: ANTÓNIO PITA

Foto 221

ESTELA FUNERÁRIA DE PEÇA VINAGRE (OEIRAS)
(Conventus Scallabitanus)

Estela funerária descoberta por Germano Gonçalves Canas, em Outubro de 1992, quando lavrava a sua propriedade no Alto da Peça Vinagre, Cacilhas, freguesia e concelho de Oeiras. A pedra encontrava-se soterrada na posição horizontal. Perto do local observámos, mais tarde, fragmentos de espessa telha de canudo (*imbrices*). Foi oferecida pelo proprietário à Câmara Municipal de Oeiras, tendo ficado ao cuidado do Centro de Estudos Arqueológicos daquele concelho⁽¹⁾.

Talhada num bloco de calcário regional, do tipo da lioz branca com veios avermelhados, tem forma esguia, de topo arredondado, decorado por uma rosácea de nove pétalas, em relevo, inserta numa cartela (obtida por rebaixamento) de duas nervuras paralelas às faces.

Dimensões: 154 x 35/39 x 27.

Campo epigráfico: 123 x 39.

MARIA • G(aii) • F(ilia) • / BOVTIA • / • H(ic) S(ita) •

Aqui jaz Mária Búcia, filha de Gaio.

Altura das letras: 1. 1: 4,3/4,7; 1. 2: 4,5/5; 1. 3: H=4,9, S=5.
 Espaços: 1: 0,8/12; 2: 0,7/1; 3: 1,7; 4: 105.

(¹) Referimo-nos ao achado na *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*, que publicámos, em 1993, de parceria com João Luís Cardoso, na p. 78, fig. 26.

A paginação pretende seguir um eixo de simetria, não conseguido porque, na l. 3, o H foi gravado sensivelmente a meio. O *ordinator* tentou, através da pontuação – de pontos em jeito de Y esguio ou semelhando, aqui e além, caudas de andorinha – dar uma certa harmonia ao conjunto, que, no entanto, resultou irregular.

As letras – com tendência para o tipo monumental quadrado – denotam, porém, uma minuta prévia traçada à mão sem o auxílio de escantilhão e régua: M aberto; G feito como um C de vértice inferior a obliquar brevemente para dentro; B assimétrico; O bem circular; V inclinado para a esquerda; S simétrico. As barras horizontais são breves e ténues; os vértices geralmente ‘sublinhados’, a denotar o trabalho do badame.

A defunta pertence à *gens Maria*, de que se regista um outro testemunho no vizinho concelho de Cascais⁽²⁾ e também ali se documenta uma aculturação onomástica, pois que os *cognomina* registados (*Tanginus*, *Aranta*) são etimologicamente lusitanos. *Boutia* é, como se sabe⁽³⁾, um dos nomes cuja distribuição geográfica se enquadra prevalentemente, segundo os achados até agora conhecidos, na área lusitana.

Pela paleografia e pela simplicidade do texto (nomeadamente, a omissão do E final), é monumento datável dos primeiros anos do século I da nossa era.

GUILHERME CARDOSO

⁽²⁾ Cf. ENCARNAÇÃO (José d’), *Roteiro Epigráfico Romano do Concelho de Cascais*, Cascais, 1994, n° 18, pp. 52-53. Nesse trabalho, aliás, se fez também já alusão, na p. 49, ao monumento que nos ocupa.

⁽³⁾ Cf., por exemplo, ENCARNAÇÃO (José d’), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 194 (com mais bibliografia).



222

FOTOS: GUILHERME CARDOSO

INSCRIÇÃO DEDICADA A UM POSSÍVEL NATURAL DE ÚTICA, PROVENIENTE DE LISBOA

O presente fragmento de epígrafe encontra-se depositado no Gabinete Técnico do Teatro Romano, C. M. de Lisboa, sendo proveniente das escavações arqueológicas que Irisalva MOITA efectuou nesse teatro em 1966 e 1967⁽¹⁾.

Trata-se de um fragmento partido nos quatro lados e na sua espessura, em lioz esbranquiçada com nódulos rosados. Pertence a um monumento de tipo paralelepípedo: cipo, ara ou mesmo um pedestal. Tem como dimensões máximas: 18 cm de altura, 17,4 cm de largura e 7 cm de espessura.

A superfície epigrafada encontra-se polida, conservando vestígios de quatro linhas:

[...] I (uel T uel F) [...] / [...] VTIC(ensis) V[...] / [...LV]CRE-
TIVS Ç (uel G uel O) [...] / [...] ACEVS. [...]

Altura das letras: 1. 2: 4; 1. 3: 3,5; 1. 4: 3; Espaços: 1: 0,7; 2: 1; 3: 2,5.

As letras são elegantes e de talhe fundo, com o fecho do «R» efectuado com traço leve, assim como as hastes horizontais dos «E», que são muito curtas. Não apresenta linhas auxiliares e o único ponto divisor, na quarta linha, tem a forma de uma vírgula.

Naturalmente que o mau estado de conservação desta epígrafe nos impede de, não apenas interpretar o texto de uma forma segura,

(1) Irisalva MOITA, 1970, O teatro romano de Lisboa, *Revista Municipal*, n.ºs 124/125, p. 7-37.

mas também de tipificar o próprio monumento. Logicamente devemos estar em presença de dois indivíduos: o primeiro, de nome desconhecido, é natural de Útica, uma cidade marítima da África Proconsular⁽²⁾. Infelizmente, o que nos resta do texto não nos permite conhecer em que circunstâncias é que ele nos aparece na Lisboa Romana. A sua existência, no entanto, não deixará de estar de algum modo relacionada com o tráfego comercial entre Olisipo e o Norte de África⁽³⁾.

O segundo indivíduo, que deverá ser o doador do monumento, dado que os seus nomes se encontram em nominativo, e cujas letras são de menor tamanho, terá um *cognomen* terminado em (...)ceus e o *nomen* *Lucretius*, um gentílico já bem atestado em Lisboa⁽⁴⁾.

A. M. DIAS DIOGO
LAURA TRINDADE



Foto 223

⁽²⁾ Outro indivíduo com a mesma naturalidade já tinha surgido em Mértola: **L. Firmidius Peregrinus Vticensis** (José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, n.º 99).

⁽³⁾ Sobre esta questão veja-se, de A. M. Dias DIOGO, *Ânforas e sigillatas tardias do teatro romano de Lisboa* (em publicação).

⁽⁴⁾ A. Vieira da SILVA, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, C. M. de Lisboa, 1944, n.ºs 102, 110, 138.

TRES INEDITOS TERMESTINOS

Esta nota⁽¹⁾ da a conocer tres inscripciones procedentes de la antigua *Termes*, cuyas extensas ruinas se encuentran junto a la ermita de Nuestra Señora de Tiermes, en el término municipal de Montejo de Tiermes, provincia de Soria. Las piezas aparecieron con ocasión de los trabajos arqueológicos que se llevan a cabo en el yacimiento⁽²⁾.

224

Ara de arenisca roja (foto 224) cuyas dimensiones actuales son 48 x 28 x 22. En la parte superior, molduras, rulos y *focus*. En el dado central, de 28 x 20 cms, quedan restos de dos – o quizá tres – líneas, cuyas letras miden 3 cms y que a pesar de haber sido bien grabadas son difícilmente legibles por la alteración superficial de la piedra, seguramente causada por erosión acuática, ya que se encontró fragmentada en diversos pedazos al limpiar el canal del acueducto de Termes en 1992. Actualmente se conserva en una de las dependencias del Museo Numantino de Soria. Lo que he podido sacar en claro de su autopsia es:

(¹) Mi agradecimiento a J. L. Argente y M^a A. Arlegui, del Museo Numantino de Soria; también al Instituto Arqueológico Alemán por haber sufragado parcialmente mis gastos de viaje.

(²) Vid. J. L. Argente y A. Díaz, *Tiermes. Guía del yacimiento y Museo*, Soria 1990; las excavaciones actuales suponen veinte años de trabajo continuado y además de las memorias publicadas en la serie *Excavaciones arqueológicas en España*, nótes que desde 1990 se publica un rápido informe preliminar (*Tiermes. Excavaciones arqueológicas*) dando cuenta de los hallados durante la campaña anterior.

+DM•S+
[---]IA•MA

Dada la pésima condición de la piedra, son quizá vanos los intentos de reconstruir el texto original; a primera vista, parece reconocerse la fórmula dedicatoria a los dioses infernales, pero antes de la D se aprecian restos de una letra y detras de la S, quizá haya una O.

225

Altar de pequeño tamaño labrado en la piedra arenisca rojiza característica de la localidad (foto 225). Su estado de conservación es muy deficiente, ya que está falto del pie y de mucho del dado central; el resto de la pieza presenta abundantes golpes y erosiones que afectan a la parte superior y a la superficie epigráfica, especialmente en las últimas líneas. Las dimensiones actuales son (26) x (18,5) x 10,5 cms. En las partes mejor conservadas, las letras están bien trazadas, regularmente talladas y su módulo es 3,5 cms; se aprecian todavía las líneas de guía del texto. La legibilidad del texto depende en gran medida del estado de conservación: las líneas 3ª y 4ª estan completas o casi completamente obliteradas;

La inscripción apareció durante la campaña de excavaciones de 1991, también formando parte del relleno del canal del acueducto y se conserva en el Museo de Tiermes, con el número de inventario 91/3/460.

[P]etron[ia]
[-c.3-]r̄na+[-]
[-c.3-]AÑ[-c.3-]
[-c.4-]M[-c.2-]

Dada la forma de la pieza y la estructura del texto, puede suponerse que se trata de una inscripción ofertoria; en tal caso, en la lín. 2ª debería figurar el cognomen del dedicante, cuya última letra visible parece ser una O o una C (cfr. con la O de trazo ovalado de la línea anterior; a continuación cabe suponer un teónimo (quizá [Di]an[æ]) y, finalmente, la fórmula consacratoria; pero nótese que, si fuera así, la última línea queda descentrada; por ello, puede suponerse alternativamente un epíteto divino en lín. 4ª y en

otro renglón, hoy completamente perdido, las habituales siglas dedicatorias.

226

Fragmento de inscripción sobre un soporte de caliza de forma convexa, cuyas dimensiones actuales son (20) x (25) x 10 cms (foto 226). Dada la forma de la pieza, sin duda procede de un soporte cilíndrico, roto por abajo y por arriba y seccionado tangencialmente a su eje vertical. Solo quedan restos de una línea, situada más o menos en la mitad del trozo conservado; las letras, de forma regular, miden 5 cms. Se encontró formando parte de un muro de la zona llamada “el foro”, durante la excavación del mismo en 1991. Se conserva en el almacén del Museo de Tiermes, sin número de inventario, donde lo inspeccioné, fotografié y calqué en julio-agosto de 1993.

[-----]
[---] CLVIII

Vista la forma del fragmento y el tenor de la inscripción, se puede suponer que se trata de la indicación de distancia de un miliario y por lo tanto, restituir antes de la cifra las siglas *m(illia)p(assum)*.

En Tiermes apareció hace unos años otra piedra de más tamaño perteneciente a un miliario de Decio y sus hijos, que fue encontrado posiblemente *in situ* o muy cerca de su emplazamiento original⁽³⁾. Cabría dentro de lo posible que el nuevo fragmento le perteneciera; pero tras el examen comparativo de ambas piezas, ni su petrografía ni la paleografía de los textos se corresponden, por lo que es evidente que se trata de un segundo miliario.

Joaquín GOMEZ-PANTOJA

(3) M. J. Borobio, J. Gómez-Pantoja y F. Morales, “Diez años (y dos siglos) de epigrafía soriana”, *Celtiberia* 74 (1987), pp. 246-7 = *HEp* 2, 660.



224



225



226

FOTOS: J. GOMEZ PANTOJA